

humanitas

Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



Não queremos deixar de manifestar o agrado que para um classicista ou romanista constitui a comparação tão abundante de citações em 9 línguas, aparentadas entre si. Apresentamos como exemplo concreto o texto das 8 bem-aventuranças (pp. 108-110). O objectivo fundamental do estudo foi perfeitamente alcançado.

JOSÉ GERALDES FREIRE

HENRI QUELLET, *Concordance verbale du «De Corona» de Tertulien*, Secrétariat de l'Université, Neuchâtel, 1975, pp. 434.

O prof. H. Quellet apresenta-nos uma investigação completa sobre o vocabulário do tratado *De Corona* de Tertuliano. No prefácio (pp. 5-7) justifica o facto de não ter usado o computador, não só por a obra ser relativamente curta, mas ainda porque... a máquina «é incapaz de realizar trabalho de análise e de classificação que só o cérebro de um latinista pode conseguir» (p. 5). Como este é o primeiro volume de uma série que a Faculdade de Letras de Neuchâtel (Suíça) projecta publicar sobre as obras de Tertuliano, é possível que outros venham a utilizar o computador e também a colaboração do Centro de Investigação Semiológica e do Centro de Cálculo Electrónico daquela Universidade.

O plano da obra é suficientemente justificado na introdução (pp. 11-17). Apesar de o livro ser «dactilogramado», a *Concordância vocabular*, que constitui a primeira parte da obra (pp. 21-313) encontra-se primorosamente apresentada, com a escrita no sentido da largura, vendo-se a palavra-ocorrente sempre ao centro da linha, com indicação do capítulo e do parágrafo. Este estudo regista as palavras tomando como ponto de partida o lema, isto é, a primeira forma morfológica normalmente adoptada para classificar uma palavra em latim. Assim, a partir de *sum* encontram-se todas as formas ocorrentes deste verbo. Pretende-se aqui dar a forma dentro do seu contexto, e consegue-se quase sempre, pelo que é apresentado um fragmento da frase que seja suficiente para, por si só, dar o significado exacto da palavra em causa.

A segunda parte é constituída pelo *Índice das formas* em si mesmas, com indicação dos capítulos e parágrafos onde se encontram (pp. 317-350). Segue-se o *Índice dos nomes próprios*, que inclui pessoas, deuses, topónimos, étnicos, etc. devidamente identificados no conjunto do tratado (pp. 351-352), justificando-se, em nota linguística, a preferência de *Belia*, em vez do mais corrente *Belial* ou *Beliar*, divindade mencionada pelo profeta Elias (p. 351). Há um quadro de *Variae lectiones* (pp. 353-354), em ordem a um possível «enriquecimento» do vocabulário de Tertuliano, a dar-se a hipótese de ser verdadeira uma forma rejeitada pelo editor. H. Quellet seguiu como norma apontar apenas as *variantes* registadas na edição de Jacques Fontaine do *De Corona*. Quanto a nós, justificava-se aqui o alargamento do índice às formas registadas noutras edições críticas como as de (Kroyman

e de Marra) e até em conjecturas apresentadas em artigos de revistas. Só assim se registariam todas as hipóteses do que seria, provavelmente, o vocabulário de Tertuliano no *De Corona*.

Muito útil é a lista das passagens do *De Corona* para que há comentário filológico, gramatical, lexicográfico ou semântico (pp. 355-371). Dá-se assim uma enorme ajuda ao comentário de Fontaine. Apetecia pedir a H. Quellet que publicasse ele agora uma edição comentada, em que fossem utilizadas todas as fontes bibliográficas que aponta. Seria, por certo, muito completa.

A terceira parte é de carácter estatístico: lista alfabética dos lemas, com indicação da sua frequência (pp. 375-393); lista dos lemas, por ordem decrescente de frequência (pp. 394-412); quadro do número de palavras iniciadas por cada letra do alfabeto e do número de lemas equivalentes (p. 413); quadro das palavras-ocorrentes por ordem decrescente da sua frequência (pp. 414-415). Por aqui se vê que o *De Corona* é constituído por 4889 palavras, que podem reduzir-se a 1415 lemas. Este número algo limitado para um escritor que tem fama de «rico» e prodigioso «criador» de palavras não dá ideia da verdadeira «riqueza» do vocabulário de Tertuliano, atendendo à restrição do tema. Para apreciar toda a «riqueza» lexicográfica de Tertuliano seria necessário reduzir a lemas todas as palavras de toda a sua obra.

A quarta parte é consagrada à bibliografia: obras ou artigos dedicados ao estudo da língua de Tertuliano (pp. 419-429); dicionários e índices próprios só das obras de Tertuliano (pp. 430-434). H. Quellet tem consciência de que apesar de ter procurado tudo quanto pôde sobre a língua de Tertuliano, algo lhe terá passado. Nós notamos, por exemplo, que são citadas *teses* antigas da Escola de Nimega, mas faltam dois trabalhos relativamente recentes que, no entanto, já poderiam perfeitamente ter sido utilizados: T.P. O'Malley, *Tertulian and the Bibel. Language. Imagery. Exegesis*, 1967; J.E.L. van der Geest, *Le Christ et l'Ancient Testament chez Tertulian. Recherche terminologique*, 1972 (ambos editados por Dekker & Van de Vegt, Nijmegen).

Não percebemos por que motivo o índice geral do livro, que se encontra na p. 1 é repetido na p. 20. Gostaríamos também que fosse feita uma breve introdução sobre Tertuliano e o lugar do *De Corona* no conjunto da sua obra, ao menos para justificar a escolha deste tratado para abrir a série que a Universidade de Neuchâtel projecta publicar.

JOSÉ GERALDES FREIRE

ÅKE FRIDH, *L'emploi causal de la conjonction «ut» en latin tardif*, Acta Vniuersitatis Gothoburgensis, 1976, pp. 69.

A colecção *Studia Graeca et Latina Gothoburgensis*, da Universidade de Göteborg, na Suécia, iniciou-se em 1955 e atinge com este estudo o n.º 35. Embora, de acordo com o título, publique trabalhos sobre a Antiguidade clássica, distinguindo-se como estudioso de Aristóteles o fundador da colecção, Prof. Ingemar

Düring, e como apreciador de Salústio, Horácio e Sílio Itálico outro professor de Göteborg, Erik Wistrand, a verdade é que na esteira do grande mestre da «Escola Sueca» que foi Einar Löfstedt, alguns dos mais originais trabalhos são sobre latim tardio, tanto de autores pagãos como cristãos.

Åke Fridh publicou já nesta colecção um estudo sobre as *Variae de Cassiodoro* (1956) e outro sobre *O problema do martírio de Santa Perpétua e de Santa Felicidade* (1968). Agora apresenta-nos uma investigação tipicamente sintáctica, procurando apurar o máximo possível sobre o uso, em latim, de *ut* com valor causal.

O resultado não é muito abundante. Na realidade, o valor de *ut* causal limita-se a grupos bem determinados. Segundo a exposição de Å. Fridh, foi a partir do valor consecutivo e final que os escritores passaram a usar *ut* como causal.

Para isso contribuiu, em primeiro lugar, a influência do estilo bíblico, isto é, do latim da Vulgata, a qual, muitas vezes através do grego, remonta a construções hebraicas. Ao desenvolver este ponto, Fridh mostra-se muito bem informado sobre traduções latinas da Bíblia e sobre gramáticas de grego bíblico (pp. 9-20). Especialmente interessante é a discussão sobre o valor de *iva* em Marcos 4, 10-12, em Lucas 8, 10 e em João 9, 39 e de *στι* em Mateus 13, 13. Os teólogos, baseando-se num lugar paralelo de Isaías 6, 9-10 pretendem manter, apesar das dificuldades de sentido, o valor final de *iva*. Em contrapartida os linguistas, baseando-se em lugares semelhantes, chegam à conclusão de que *iva* e *στι* eram sentidos como sinónimos nos primeiros séculos da era cristã. Devem por isso adoptar-se as traduções do tipo: «aos outros Eu falo-lhes em parábolas, porque eles vendo não vêem e ouvindo não ouvem». A conjunção *iva* com valor final cria sempre o embaraço de se pensar que Jesus queria provocar a cegueira dos judeus; mas a linguística vem em socorro da teologia (cf. pp. 21-24). A análise de *iva* leva também Fridh a aderir à tese de que S. João construiu o seu Evangelho traduzindo textos aramaicos (cf. pp. 20 e 27).

Uma segunda fonte de *ut* com valor causal tem a sua origem na sequência de orações interrogativas directas (talvez com base bíblica) e indirectas, havendo para estas exemplos paralelos em autores pagãos, o que significa que a língua latina de há muito dava entrada à construção de *ut* com valor causal.

A terceira circunstância em que *ut* aparece como causal é após exclamações. A este grupo devem juntar-se verbos que indicam sentimentos de admiração ou de reprovação. Em parte por influência bíblica e em parte por tendência popular latina, os *uerba affectus* podem ser seguidos de *ut* não completo, mas causal ou pelo menos «quase causal».

Um quarto grupo que admite *ut* causal são as expressões elípticas. Quando a frase é densa e pouco clara os *uerba dicendi* são seguidos de *ut*, não simplesmente com valor completo ou explicativo, mas com vários outros valores, entre os quais o causal. Fridh ao examinar casos deste género, condena (embora compreenda) «certas classificações aventureiristas» (p. 60), as quais, concordemos, são sempre possíveis em sintaxe.

Finalmente, verifica-se que em correlações do tipo *hoc... ut, hinc... ut*, equivalentes a *eo magis quod* estamos, de facto, perante locuções estereotipadas em que *ut* tem valor causal, sendo Cassiodoro um dos autores que usa com maior frequência locuções deste género.

O resumo que fizemos recolhe o que de substancial resulta da investigação de Å. Fridh. Devemos, no entanto, confessar que a passagem de *ut* consecutivo

a final e depois a causal, nem sempre nos convence nos exemplos apresentados. É o caso de: *Qui sum ego ut eam ad Pharaonem?* Quanto a nós, *ut* não pode ser senão final (p. 16). Do mesmo modo o estudo de *iva* chega ao ponto de, para não o classificar de final, lhe dar a designação de «*iva* enfraquecido»! (pp. 26-27). O mesmo se pode dizer de *ut* explicativo. Os exemplos apresentados de Santo Ambrósio dificilmente se podem aproximar do sentido causal (p. 42). Igualmente é débil a prova de *ut* causal depois de *mirari* (p. 50).

Vamos deter-nos para discutir apenas dois exemplos apresentados por Fridh, sob a rubrica de *ut* explicativo. Nas pp. 57-58 cita o Pseudo-Rufino em 3, 62 e 3, 93, comparando-o com os lugares paralelos de Pelágio. É certo que em ambos os casos Pelágio usa participios, os quais não poderão deixar de ser interpretados como causais. O que Salonius, no seu estudo sobre as *Vitae Patrum*, classificou de Pseudo-Rufino, já nós provámos que é uma compilação de vários textos de autores diferentes e que identificámos na totalidade (cf. J. G. Freire, *A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum*, Coimbra, 1971, II vol. pp. 172-187).

O primeiro passo citado é, na realidade, a tradução de Pascásio de Dume XI, 1, linhas 9-10: *Indulge mihi, abba, quoniam insipienter feci ut non tibi uale dicerem et ita egredederer*. Se a primeira oração subordinada é causal (*quoniam*), a segunda é, à primeira vista, consecutiva: «procedi indelicadamente, a ponto de não me despedir». Poderia substituir-se *ut* por *nam* e teríamos uma conclusiva, o que vem a dar quase no mesmo. Ao contrário de Fridh, nós pensamos que uma interpretação causal de *ut* é também possível. O segundo exemplo corresponde, na realidade, a Pascásio XXVII, 2, linhas 5-7: *Quid faciemus quia in tribulatione miserunt nos homines, ut illum senem tamquam sanctum relinquerent et nos qui nihil sumus inspicerent?* Igualmente a primeira oração subordinada é causal (*quia*); quanto à segunda, parece-nos também marcadamente causal. A classificação de Salonius, designando estes *ut* de explicativos é verdadeira, mas muito vaga (cf. texto crítico, *op. cit.* I vol. pp. 182 e 205).

Na p. 8 há com certeza um erro onde está escrito: «Cependant on sait que la distinction entre les catégories des propositions finales, consécutives et finales est parfois très subtile». O segundo «finales» deve ser emendado para «causales».

O opúsculo termina com um *Índice alfabético* (p. 69) onde, estranhamente, se misturam nomes próprios, expressões latinas, categorias gramaticais, estilísticas, etc. O pior ainda é que este *Índice* é muito incompleto. Por exemplo, ele não pode conduzir-nos aos dois exemplos acabados de discutir, pois não vêm lá registados: *ut* explicativo, Ps. Rufino, Pelágio, etc. Faz falta um índice bibliográfico.

As reservas acabadas de apontar não invalidam o mérito do estudo de Åke Fridh, que deixou bem clarificado o uso seguro, em determinadas locuções, de *ut* causal no latim tardio.

JOSÉ GERALDES FREIRE